

# Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

## Agêneres

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO TRINTA E SETE)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 – 997818905

Piracicaba – SP

Novembro 2025

## ÍNDICE

O LIVRO DOS MÉDIUNS.....	03
A GÊNESE.....	03
OBRAS PÓSTUMAS.....	04
LÉON DENIS-VIDA E OBRA.....	05
O MENINO E O ANJO.....	05
CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO.....	06
SÍNTESE DE O NOVO TESTAMENTO.....	08
ANTÔNIO DE PÁDUA.....	09
VIDA DE JESUS.....	11
O HOMEM NOVO.....	11
ESPÍRITO, PERISPÍRITO E ALMA.....	13
A MATÉRIA PSI.....	14
BÍBLIA.....	14
DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO.....	15
REVISTA ESPÍRITA 1859.....	16
REVISTA ESPÍRITA 1860.....	24
REVISTA ESPÍRITA 1866.....	25
CRÔNICAS DE UM E DE OUTRO.....	26
PARAPSIKOLOGIA EXPERIMENTAL.....	28
ESTUDOS SOBRE MEDIUNIDADE.....	28
MEDIUNIDADE (2 DE 7) .....	28
EXTRAORDINÁRIOS FENÔMENOS ESPÍRITAS.....	29
O ESPIRITISMO NA BÍBLIA.....	30
A GÊNESE.....	32

## O LIVRO DOS MÉDIUNS

Allan Kardec

125. Resta-nos falar do singular fenômeno dos agêneres, que, por muito extraordinário que pareça à primeira vista, não é mais sobrenatural do que os outros. Porém, como o explicamos na Revista espírita (fevereiro de 1859), julgamos inútil tratar dele aqui pormenorizadamente. Diremos tão somente que é uma variedade da aparição tangível. É o estado de certos Espíritos que podem revestir momentaneamente as formas de uma pessoa viva, ao ponto de causar completa ilusão. (Do grego a privativo, e geine, geinomaï, gerar: que não foi gerado.)

### A GÊNESE

Allan Kardec

#### Cap. XIV #36

36. É de notar-se que as aparições tangíveis só têm da matéria carnal as aparências; não poderiam ter dela as qualidades. Em virtude da sua natureza fluídica, não podem ter a coesão da matéria, porque, em realidade, não há nelas carne. Formam-se instantaneamente e instantaneamente desaparecem, ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas. 157. Os seres que se apresentam nessas condições não nascem, nem morrem, como os outros homens. São vistos e deixam de ser vistos, sem que se saiba donde vêm, como vieram, nem para onde vão. Ninguém os poderia matar, nem prender, nem encarcerar, visto carecerem de corpo carnal. Atingiriam o vácuo os golpes que se lhes desferissem. Tal o caráter dos agêneres, com os quais se pode confabular, sem suspeitar de que eles o sejam, mas que não demoram longo tempo entre os humanos e não podem tornar-se comensais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família. 158 Ao demais, denotam sempre, em suas atitudes, qualquer coisa de estranho e de insólito que deriva ao mesmo tempo da materialidade e da espiritualidade: neles, o olhar é simultaneamente vaporoso e brilhante, carece da nitidez do olhar através dos olhos da carne; a linguagem, breve e quase sempre sentenciosa, nada tem do brilho e da volubilidade da linguagem humana; a aproximação deles causa uma sensação singular e indefinível de surpresa, que inspira uma espécie de temor; e quem com eles se põe em contato, embora os tome por indivíduos quais todos os outros, é levado a dizer involuntariamente: Ali está uma criatura singular. 159

156 Nota de Allan Kardec: O livro dos médiuns, 2a Parte, caps. VI e VII. 157 N.E.: As materializações prolongadas, quais as verificadas por William Crookes, não eram, então, conhecidas. 158 N.E.: Segundo a Bíblia, este fato se deu na família de Tobias. (Ver O livro de Tobias.

### XV #64

#### Desaparecimento do corpo de Jesus

64. O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte há sido objeto de inúmeros comentários. Atestam-no os quatro evangelistas, baseados nas narrativas das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia depois da crucificação e lá não o encontraram. Viram alguns, nesse desaparecimento, um fato milagroso, atribuindo-o outros a uma subtração clandestina. Segundo outra opinião, Jesus não teria tido um corpo carnal, mas apenas um corpo fluídico; não teria sido, em toda a sua vida, mais do que uma aparição tangível; numa palavra: uma espécie de agêneres. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida teriam sido apenas aparentes. Assim foi que, dizem, seu corpo, voltado ao estado fluídico, pôde desaparecer do sepulcro e com esse mesmo corpo é que Ele se teria mostrado depois de sua morte. É fora de dúvida que semelhante fato não se pode considerar radicalmente impossível, dentro do que hoje se sabe acerca das propriedades dos fluidos; mas, seria, pelo menos, inteiramente excepcional e em formal oposição ao caráter dos agêneres. (Cap. XIV, item 36.) Trata-se, pois, de saber se tal hipótese é admissível, se os fatos a confirmam ou contradizem.

## OBRAS PÓSTUMAS

Allan Kardec

NOTA — A interessantíssima questão dos homens duplos e a dos agêneres<sup>11</sup>, que se liga àquela intimamente, até agora foi relegada pela ciência espírita ao segundo plano, por falta de documentos para completa elucidação de uma e outra. Essas manifestações, por muito singulares que sejam, por incríveis que pareçam à primeira vista, sancionadas pelas narrativas dos mais sérios historiadores da antiguidade e da Idade Média, confirmadas por fatos recentes, anteriores ao advento do Espiritismo, ou contemporâneos, de modo nenhum podem ser postas em dúvida. "O LIVRO DOS MÉDIUNS", no artigo intitulado: "Visitas espirituais entre pessoas vivas", e a "REVISTA ESPÍRITA", em muitas passagens, confirmam a realidade de tais manifestações de forma absolutamente incontestável. De um confronto e de um exame aprofundado de todos esses fatos, talvez ressaltasse uma solução pelo menos parcial da questão e a eliminação de algumas das dificuldades que parecem envolvê-la. Ficariamos muito gratos àqueles dos nossos correspondentes que se dignassem de fazer um estudo especial dessa questão, seja pessoalmente, seja por intermédio dos Espíritos, e de nos comunicarem o resultado de suas pesquisas, no interesse bem entendido da difusão da verdade. Percorrendo rapidamente os anos anteriores da nossa Revista e considerando os fatos assinalados e as teorias enunciadas para explicá-los, chegamos à conclusão de que talvez fosse conveniente separar os fenômenos em duas categorias bem distintas, o que permitiria lhes dar explicações diferentes e demonstrar que são mais aparentes do que reais as impossibilidades que se levantam contra a aceitação pura e simples dos mesmos fenômenos (Veja a respeito os artigos da "REVISTA ESPÍRITA" de janeiro de 1859, "O Duende de Baiona"; fevereiro de 1859, "Os Agêneres" e "Meu Amigo Hermann"; maio de 1859, "O laço entre o Espírito e o corpo"; novembro de 1859, "A Alma Errante"; janeiro de 1860, "O Espírito de um Lado e o Corpo do Outro"; março de 1860, "Estudo sobre o Espírito das Pessoas Vivas"; "O Dr. V... e a Senhorita S..."; abril de 1860, "O Fabricante de São Petersburgo"; "Aparições tangíveis"; novembro de 1860, "História de Maria d'Agréda"; julho de 1861, "Uma Aparição Providencial" etc.).

## LÉON DENIS-VIDA E OBRA

Gaston Luce

E há também os casos de “agêneres”, de que tratam os livros da Codificação: “Livro dos Espíritos” e “Livro dos Médiuns”.

## O MENINO E O ANJO

José Herculano Pires

### Cap.7 §10 (71)

O caso de Luizinho foi muito curioso. O menino não caíra em transe nem se amedrontara. Mas a certo momento avisou: “O Anjo vai aparecer.” Logo a seguir, sem se saber como, de que maneira aquilo se dava, o Anjo apareceu luminoso, iluminado por si mesmo, na penumbra da sala. Sorria e passeou pela sala tranquilamente, cumprimentando uns e abraçando outros. Luizinho o olhava e não se aproximara. Houve uma conversa entre o Anjo e o Dr. Batista, que todos puderam ouvir. O Anjo explicava que não precisava de médium para se materializar, que podia fazê-lo sozinho e aparecer em qualquer lugar como um agêner. O Dr. Batista explicara que o agêner é um ser não gerado em nosso mundo pelas leis biológicas, mas que pode materializar-se, seja anjo ou pessoa morta, apresentando-se como se fosse uma pessoa humana comum.

Quem se viu atrapalhado com tudo isso foi o Padre Tavares, que tinha de dar explicações aos seus paroquianos e discutir com todos os entusiastas da sessão.

— Isto é um fim de mundo — dizia o padre — um tempo de loucura e heresia, mas também de profanação. Onde já se viu tanta confusão? Todos aceitam essas artes diabólicas como graças concedidas por Deus! Ou o Senhor Zé Luís põe esse menino num colégio de padres ou logo teremos aqui a própria confusão do Inferno, com diabos fantasiados de anjos!

### Cap.10 §4 (99)

— Aconteceu-me nestes dias um caso que me assustou, apesar de toda a minha familiaridade com os fatos mediúnicos. Eu me deitei na rede do quintal, aquela mesma em que estava ainda a pouco, e logo mais adormeci. Sonhei que no noturno para São Paulo vinha um senhor com um menino mordido por cachorro louco num cafezal. Vi nitidamente a cena. O cachorro mordera o menino quando ele ajudava o pai na colheita e a seguir se perdera. Um homem alto e magro, alourado, vestido com um terno de linho branco e chapéu branco panamá, surgiu do meio dos pés de café e disse ao pai que tomasse o próximo trem e levasse o garoto ao Instituto Pasteur, em São Paulo, pois o cachorro estava raivoso. Vi e ouvi tudo como se estivesse no local. O pai tomou o menino nos braços e saiu às pressas. Então o homem de branco me disse: “Levante-se da rede e vá depressa à

estação. Procure o homem que viu aqui no primeiro vagão da segunda classe e dê-lhe todo o dinheiro que você tem no bolso. A passagem fica por minha conta.” Acordei e sai correndo para a estação. No vagão indicado, logo que o trem chegou, estava o homem com o menino, já babando e de olhos esgazeados. Tirei todo o meu dinheiro do bolso e entre-guei ao homem. No mesmo instante surgiu ao meu lado o homem de branco do sonho, que falou com o pai do garoto e lhe deu a passagem para São Paulo. O homem do sonho mal teve tempo de explicar-me: “Ele só tinha passagem até aqui.” O trem deu sinal de partida. “Quem é o senhor? perguntei-lhe. Ele me encarou sorrindo e disse: “Um amigo dos pobres.” O trem acelerou a sua partida e no reboiço da estação perdi de vista o Amigo dos Pobres. Não sei até hoje quanto eu tinha de dinheiro no bolso. Voltei para casa, intrigado. À noite, numa sessão que fazíamos na casa do velho Gasparino, alfaiate que você conhece, um espírito comunicou-se pela médium Zilda e me agradeceu o que eu havia feito. Perguntei quem era ele e como sabia do caso. Respondeu-me apenas: “O Amigo dos Pobres. Uma semana depois o pai do garoto apareceu aqui para me agradecer e contar que no Instituto Pasteur consideraram o caso como perdido, mas por via das dúvidas aplicaram as injeções e elas fizeram efeito. Como você vê — disse Zé Mariano — o Amigo dos Pobres era um agênere, um espírito que se tornou visível, segundo a teoria das aparições tangíveis, de Kardec.” Zé Mariano puxou o lenço do bolso para enxugar os olhos lacrimejantes e concluiu: “Até hoje me emociono quando falo desse caso.”

## CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO

José Herculano Pires

### Cap. XI §15 (92)

O caso dos agêneres é a comprovação objetiva da realidade dessas relações mediúnicas naturais. O agênere (não gerado) é uma espécie de materialização espontânea, sem reunião especial, sem médiuns presentes, em pleno dia, nas ruas e praças, a céu-aberto, em que uma pessoa falecida encontra um amigo ou um parente, abraça-o, conversa com ele e despede-se naturalmente. Os casos comprovados são numerosos. Assim, o direito espírita de tratar desses assuntos, que as igrejas se reservam a si mesmas e negam ao Espiritismo, é um direito natural, decorrente das próprias condições humanas e comprovada pelas manifestações espontâneas em todos os tempos e em todas as latitudes geológicas e históricas do nosso planeta.

### Cap. XII §05 (99)

Mas é bom lembrar que não estamos sós. Ao conceito de *existência* dos filósofos atuais o Espiritismo acrescenta o conceito da solidariedade existencial entre os espíritos e os homens. Provada a sobrevivência dos mortos pela pesquisa científica e demonstrada a interpretação dos mundos material e espiritual — que se evidencia na nossa própria organização psicofísica, impõe-se naturalmente o conceito espírita da *Inter existência*. Já vimos que não vivemos apenas no plano material, que não estamos fundidos no corpo carnal, mas apenas ligados a ele como o condutor ao seu veículo. Nos estudos de Hipno-

tismo aprendemos que a nossa vida diária também se processa simultaneamente em dois planos. O mesmo acontece com os espíritos, que não estão isolados no plano espiritual mas passam constantemente do seu plano para o nosso, como vemos no caso das comunicações mediúnicas, das aparições, das materializações e até mesmo, de maneira espontânea e concreta, visível e palpável, no caso das *agêneres*. Assim, a interpenetração do plano espiritual inferior com o plano material superior (a crosta terrena e sua atmosfera), constitui a zona planetária a que chamamos de *Intermúndio*. Os gregos antigos diziam que os seus deuses viviam no Intermúndio, entre o Céu e a Terra. O Espiritismo nos permite compreender essa verdade de maneira clara e racional: para eles, os espíritos eram os deuses bons e maus que se comunicavam através dos oráculos e das pitonisas. Eles também conheciam as *agêneres*, pois os seus deuses podiam descer do Olimpo e aparecer aos homens como homens. O conceito de Inter existência deriva do conceito de intermúndio formulado pelos gregos.

### Cap. XVIII §15 (171)

O maior caso de mistificação, capaz de levar qualquer pessoa à fascinação, é a obra ***Os Quatro Evangelhos***, de Jean Baptiste Roustaing, que a Federação Espírita Brasileira tomou como fundamento da sua orientação doutrinária. A mistificação é tão evidente nessa obra que uma pessoa simples, mas de bom-senso, logo a percebe. Mas como se apoia nos resíduos mitológicos e místicos da nossa formação religiosa tradicional, continua a fazer suas vítimas entre nós através dos anos. Nessa obra, Jesus é transformado num mistificador que fingiu nascer mas não nasceu, fingiu mamar mas não mamou, fingiu morrer na cruz mas não morreu; fingiu ressuscitar mas não ressuscitou, pois era um *agênere*, uma criatura não gerada, uma simples *aparição tangível* que combinou no espaço encontrar-se na Terra com Maria Madalena. E isso é apenas um pedaço mínimo do imenso ridículo em que essa obra das trevas procura mergulhar a Doutrina dos Espíritos Superiores. As obras de Ramatis constituem o segundo caso de mistificação em nosso movimento espírita, divergindo daquela em alguns pontos e apresentando outras novidades absurdas. A obra ***A Vida de Jesus Ditada por Ele*** mesmo, recebida na Alemanha e completada na Argentina, onde existe uma instituição espírita para mantê-la, divulgá-la e defendê-la, é outro caso típico da mistificação em grande estilo, que tem iludido multidões de pessoas. Nessa obra vemos Jesus, em ***suas memórias***, prestar-nos um depoimento estranho sem começo e sem fim e com deformidade de um texto do Corão, de Maomé. Fala Jesus: “Meus irmãos, escutai o relato da minha vida terrestre como Messias.” A seguir o livro nos conta as primeiras peripécias de Jesus após a morte de José, seu pai, sua ida a Jerusalém e a entrega dos negócios da família em mãos estranhas. Jesus se diz o mais velho dos nove filhos de José e Maria. Descreve a vida tranquila que levava em Nazaré, mas lamenta que as suas ideias messiânicas o tenham levado para o caminho perigoso. Refere-se aos fundamentos da Ciência Cabalística que aprendeu, conta que após a morte do pai envolveu-se em Jerusalém com grupos subversivos e tornou-se agitador político. Nesse ritmo de estória à Jock London, o livro atinge a fase messiânica de Jesus. O auto memorialista proclama: “Minha obra era santa, porque era a Obra do Pai; minha missão não era de ódio, mas de amor.” Um livro mediúnico sem nenhuma base histórica, sem nada de novo quanto à interpretação da figura humana de Jesus, sem nenhuma marca da época, decalcado em situações atuais, desprovido da mínima verossimilhança, e que no entanto e apesar do seu volume de cerca

de 400 páginas, não pesa em nada na balança da História. Mistificação evidente e sem defesa possível. Como podem espíritos ilustrados, inteligentes, perspicazes, aceitar esse relato de fraca imaginação como autobiografia do Cristo, do assombroso personagem histórico que transformou o mundo com as suas ideias, no vago registro das *loggia*, das anotações fragmentárias de seus ensinamentos morais, frases e expressões que balizaram o desenvolvimento humano a partir das suas prédicas? Essa é a glória da mistificação — fazer passar como verídicas as mais infundadas aberrações. Mas não se pense que o triunfo é da mistificação em si. Pelo contrário, é dos que se deixam mistificar, dos que desejam iludir-se e para isso alimentam o seu bom-senso nas bancas de câmbio da imaginação. Essas criaturas ansiosas pelo maravilhoso, não encontrando o que desejam nas pesquisas e nos estudos sérios, aceitam emocionados os maiores absurdos.

É um curioso mecanismo de compensação interior que leva os leitores dessas falsidades ingênuas a considerá-las como verídicas. O anseio de novidades maravilhosas é nelas mais poderoso do que a razão, que sabem aplicar nas coisas da vida diária, mas fracassam ao aplicá-las ao sonho, pois este exige a descoberta dos segredos a qualquer preço. É o mesmo caso das obsessões, em que o apego do obsedado ao obsessivo é que dá forças a este para agir sobre aquele. O mesmo caso dos viciados, que embora conhecendo as consequências do vício, não podem abandoná-lo, pois sem ele a vida perderia em gosto e sentido. Uma face pouco ou nada conhecida dos processos esquizofrênicos. Uma área em que a Psicologia Espírita tem muito a trabalhar.

## SÍNTESE DE O NOVO TESTAMENTO

Minimus

### Cap. I §53 Nota 2 (78)

***Eu e o Pai somos um.***

**(Jo., 10:22 a 42)**

Celebrava-se então em Jerusalém a festa da dedicação; era inverno. Jesus passeava no templo, no pórtico de Salomão. Rodearam-no os judeus e lhe perguntaram: — Até quando nos deixarás na dúvida? se és o Cristo, dizendo-o abertamente. Respondeu-lhes Jesus: — “Eu vo-lo disse e não credes; as obras que faço em nome do meu Pai, essas dão testemunho de mim. Vós, porém, não credes, porque não sois das minhas ovelhas. As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço e elas me seguem; dou-lhes a vida eterna, e elas nunca perecerão e ninguém as arrebatará da minha mão. Meu Pai, que m’as deu, é maior do que tudo, e ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai. Eu e o Pai somos um” (1).

Novamente os Judeus pegaram em pedras, dispostos a apedrejá-lo. Disse-lhes Jesus: — “Tenho-vos mostrado muitas obras boas de meu Pai; por qual dessas obras me quereis apedrejar?” — Replicaram-lhe os judeus: Não te vamos apedrejar por uma boa obra, mas por blasfêmia, e porque tu, sendo homem, te fazes Deus. — Respondeu-lhes Jesus: — “Não está escrito na vossa lei: “Eu disse: Sois deuses?” — Ora, se ele chamou deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi transmitida — e a Escritura não pode falhar — porque dizeis daquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo: Blasfemas! — porque eu

disse: Sou Filho de Deus? — Se não faço as obras de meu Pai, não me deis crédito; mas se as faço, e não quiserdes crer em mim, crede nas obras, para que conheçais e compreendais que o Pai está em mim e eu no Pai”. Tentaram novamente os judeus prendê-lo; ele, porém, **fugiu-lhes das mãos (2)**.

Retirou-se outra vez para além do Jordão, para o lugar onde João tinha primeiramente batizado; e lá ficou. Muitos foram ter com ele e diziam: João, na verdade, não fez sinal algum; mas tudo quanto ele disse a respeito deste homem, era verdade. E muitos ali creram nele.

- 2) Jesus, como o Anjo que guiou o jovem Tobias, era um agêneres: fazia e desfazia o seu corpo quando queria. Veja-se “Livro de Tobias” XII -21.

## §116 (131)

Replicaram os judeus: — Agora estamos certos de que tens demônio. Abraão morreu e também os profetas, e tu dizes: Se alguém guardar a minha palavra, jamais provará a morte. És, porventura, maior que nosso pai Abraão, que morreu? também os profetas morreram. Quem pretendes ser? — Disse-lhes Jesus: — “Se eu me glorifico, a minha glória não é nada. Quem me glorifica é meu Pai, aquele que dizeis ser vosso Deus; entretanto, não o tendes conhecido, mas eu o conheço. Se eu disser que o não conheço, serei como vós, mentiroso; mas eu o conheço e lhe observo a palavra. Vosso pai Abraão exultou por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se”. — Replicaram os judeus: — Ainda não tens cinquenta anos, e viste a Abraão? — Respondeu-lhes Jesus: — “Em verdade, em verdade vos digo: Antes que Abraão fosse feito, eu existo” (1). — Então pegaram os judeus de pedras para lhe atirar, mas Jesus se ocultou (2) e saiu do templo.

- 2)- Várias vezes se processou esse fenômeno, durante a permanência do Senhor entre nós; aliás, também verificado com os chamados — agêneres.

## ANTÔNIO DE PÁDUA

Almerindo Martins de Castro

### Cap. III § 385 (121)

Sob a assinatura do Dr. Franz Hartmann, a *Revista de Estudos Psíquicos*, de Valparaíso (Chile), inseriu interessante artigo sobre — Que é a matéria? — o qual assim começa:

“Até agora não nos deu o mais convencido conhecedor do conceito materialista do mundo uma resposta satisfatória a esta pergunta; pois com a mera descrição de uma coisa a que alguém chama *matéria* — não se disse nada acerca da essência própria da mesma, e há certos fatos incontrovertíveis, idôneos para contradizer as opiniões de certos sábios a respeito dos atributos da — *matéria*.

Não longe da minha residência, no sul do Tirol, acha-se uma pequena aldeia chamada Radein.

Está situada a 4.686 metros acima do nível do mar, e é muito fatigante o caminho que a ela conduz.

O lugar se compõe de algumas casas de campônios, e em uma dessas vivia há alguns anos uma Jovem tirolesa órfã, de nome Angélica Darocca, em companhia de três irmãos.

Ela habitava o único quarto, enquanto seus irmãos dormiam no desvão.

Era muito piedosa e geralmente conhecida pela designação de — a jovem maravilhosa de Radein.

O maravilhoso nela consistia em que, além de não comer, nem beber durante sete anos, embora estivesse de plena saúde, desaparecia várias vezes repentinamente do seu leito, como por encanto, e desse mesmo inexplicável modo tornava a aparecer. Tinha os *estigmas* (cicatrizes do Cristo) nas mãos e nos pés e nas costas, e era considerada santa por toda a comarca; mesmo de muito longe peregrinavam centenas de mulheres, com seus filhos, para que ela os abençoasse.

Ela abraçava as crianças e as beijava, e precisamente por isso se explica como podia viver sem comida, nem bebida visível, pois, sem que soubesse, vampirizava as crianças e delas extraía força vital.

Cresceu a multidão, e o caso foi o que se chama “uma vergonha para a Ciência”, que não podia explicá-lo; os jornalistas fizeram, conforme o costume em semelhantes circunstâncias, seus néscios comentários, e finalmente o clero proibiu as visitas para dar um termo à perturbação dos crentes.

Além disso, Angélica desejava descansar, e, compreendendo constituir pesado fardo para seus irmãos, lembrou-se de ir para um convento. A seu rogo, o bispo de Trieste lhe conseguiu um lugar no mosteiro de freiras em Meran.

A 17 de novembro, à noite, vieram as monjas, que falaram com ela e prometeram levá-la na manhã seguinte. Quando voltaram, porém, Angélica havia desaparecido sem que se soubesse o destino que tomara.

Fizeram-se pesquisas na casa, ficando as freiras estupefatas a princípio, até que os irmãos de Angélica as tranquilizaram, dizendo não ser a primeira vez que sua irmã desaparecia de tão misteriosa maneira, e que decerto em breve retornaria.

Transcorreram sete dias, e a 25 de novembro, estando os irmãos e alguns vizinhos a orar no aposento da moça, conforme costumavam fazer, repentinamente Angélica se encontra de novo em seu leito, sem que, interrogada, saiba dizer onde havia estado durante os sete dias da sua desapareição.

Cerca de dois dias depois, uma senhora de Bozen recebeu, de amiga residente em Roma, uma curta em que lhe referia ter ali chegado bonita e Jovem tirolesa, de nome Angélica Darocca, natural de Radein, e permanecido em sua casa alguns dias, sem que comesse ou bebesse durante a estada.

Havia ido com ela à igreja de S. Pedro e a outras, e mostrado as coisas notáveis. Depois, a 25, pela manhã, a jovem desapareceu de repente.

Pedia finalmente a carta à senhora de Bozen que se informasse sobre se, com efeito, residia em Radein (distante 600 quilômetros de Roma) uma Jovem chamada Angélica Darocca, e dela indagasse que havia feito.”

Se essa estranha criatura, com a rara faculdade sua, houvesse ingressado em ordem religiosa, possivelmente, agora, estava em graça, a fazer — milagres — quase

santa, envolta na dupla auréola de beleza e da força espiritual, para glória do seu convento e prazer dos devotos seus, sinceros.

Teria decerto podido transportar-se, a exemplo de Antônio de Pádua, e salvar da morte algum Inocente, vítima de tremendo erro da falível justiça humana.

Ficando, porém, na vida secular, terminou a ruidosa trajetória num casamento bem feliz, ligando seu destino ao de honrado hoteleiro da fronteira italiana.

Bem feliz o matrimônio, pois perdeu o dom que tantos males lhe causara.

A identidade dos casos de materialização instantânea, a distância, mostra que, inutilmente, tentará alguém firmar as linhas divisórias que separam a Religião e a Ciência na luta pela supremacia dos seus dogmas — que os fatos aluem e derribam a cada estágio do progresso intelectual.

## VIDA DE JESUS

Antonio Lima

### Cap. X §65 (225)

“O desaparecimento do corpo de Jesus depois da sua morte foi objeto de numerosos comentários; ele é atestado nos quatro Evangelhos pela narração das mulheres que se apresentaram no sepulcro ao terceiro dia e não o encontraram aí. Uns viram nesse desaparecimento um fato maravilhoso, outros supuseram-no um roubo clandestino. Segundo outra opinião, Jesus não se revestiu de um corpo carnal, porém somente de um corpo fluídico; não fora, durante a sua vida, senão uma aparição tangível, espécie de agêner. O seu nascimento, morte e todos os atos materiais de sua vida, não passaram de uma aparência. É assim — diz-se — que o seu corpo, voltando ao estado fluídico, pôde desaparecer do sepulcro, e foi com esse corpo que ele se apresentou depois da morte.

## O HOMEM NOVO

José Herculano Pires

### Cap. 25 §3,4 (71)

BRASIL: O PRIMEIRO PAÍS A TRADUZIR OS 12 VOLUMES DA “REVISTA ESPÍRITA”.

*Faltava uma dúzia de livros da Codificação no país mais espírita do mundo — A teoria dos agêneres só existe na “Revista” — As pesquisas de Kardec minuciosamente relatadas.*

Nada prova melhor a asserção de que o Espiritismo avança “apesar dos homens” do que este aparecimento tardio da “Revista Espírita” no Brasil. Obra

fundamental, escrita página a página pelo Codificador, os doze volumes dormiram longos anos nas estantes de uns poucos estudiosos. Muitos problemas discutidos na imprensa, nas reuniões de estudos, nos congressos, lá estavam resolvidos. Mas, os espíritas ignoravam isso e ainda hoje continuam ignorando. Chegou-se mesmo a afirmar que os cinco livros do chamado “Pentateuco Kardeciano” eram o único repositório dos ensinamentos do Espírito da Verdade. Mas, a verdade era outra e a prova está hoje nas mãos de todos os que se interessaram por ela.

No capítulo terceiro da primeira parte de “O Livro dos Médiuns”, Kardec declara: “Aos que quiserem adquirir os conhecimentos preliminares (da doutrina), pela leitura dos nossos livros, aconselhamos a seguinte ordem: 1) *O que é o Espiritismo*, 2) *O Livro dos Espíritos*, 3) *O Livro dos Médiuns*, 4) *A Revista Espírita*.” Ainda não haviam aparecido *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*, mas a *Revista Espírita* já era recomendada como indispensável. E a verdade é que esses livros iam sair das suas páginas. A *Revista* era a fonte em que borbulhavam as águas da III Revelação.

## Os Agêneres

Kardec trata rapidamente do problema dos agêneres no capítulo sétimo da segunda parte de *O Livro dos Médiuns*. Muitos confrades reclamam maiores esclarecimentos a respeito. Poucos sabem que o Codificador declarou, no final daquele capítulo: “Restaria falarmos do estranho fenômeno dos agêneres, que, por mais sobrenatural que possa parecer à primeira vista, não o é mais do que os outros. Mas, como já o explicamos na *Revista Espírita* (fevereiro de 1859) achamos inútil reproduzir aqui os detalhes...”

A teoria dos agêneres, desses espíritos que aparecem de maneira visível e tangível, espontaneamente, em plena rua, numa casa, num escritório, numa festa, dando plena impressão de tratar-se de uma pessoa viva, essa teoria se encontra na *Revista Espírita*. Mas não é só. Os casos de comunicação de espíritos de vivos; a maneira científica e minuciosa pela qual Kardec pesquisou as condições do espírito fora do corpo; as suas evocações para estudo; o problema em si das evocações, ainda tão mal conhecido dos espíritas; o problema complexo da escrita direta e da voz direta; o mecanismo das relações fluidicas entre o espírito comunicante e o médium e mais uma infinidade de questões são esclarecidas nas páginas da *Revista Espírita*.

## ESPÍRITO, PERISPÍRITO E ALMA

Hernani Guimaraes Andrade

### Cap. VIII §94 (188); §99 (189)

No estágio 4, finalmente, e quando tudo correu bem, o MOB com o corpo vital do Espírito ocupa o lugar do MOB com o corpo vital do médium, terminando por formar a "materialização de ordem superior", isto é, o *agênere, ectoplásmico*. As materializações de "Katie~ King" (médium Florence Cook) e de "Bien-Boa" (médium Marthe Beraud) são excelentes exemplos de "agêneres ectoplásmicos".

Descrevemos apenas as materializações totais. Mas há casos de materializações parciais de peças anatômicas apenas, como mãos, braços, pés, pernas, rostos, etc. Pelo nosso modelo é Fácil compreender o mecanismo dessas formações. O Espírito assenhoreia-se de uma porção de ectoplasma e modela-o, usando seu perispírito parcialmente desdobrado, como modelo organizador. Sob a influência dos campos biomagnéticos das partes desdobradas, o ectoplasma inserido entre elas toma forma, tal qual a limalha que se alinha e organiza sob a influência do campo magnético dos polos de um ímã. Vamos transcrever mais outro trecho do livro *Mecanismos da Mediunidade* em que André Luiz focaliza interessante evento concernente a este fenômeno:

*"Terminado que. foi o trabalho medicamentoso, um risonho companheiro de nossa esfera tomou pequena porção das forças materializantes do médium sobre as mãos e afastou-se para trazer, daí a instantes, algumas flores que foram distribuídas com os irmãos encarnados, no intuito de sossegar lhes a mente excitadiça.*

*Acalmando-nos a curiosidade, Áulus esclareceu: — É o transporte comum realizado com reduzida cooperação das energias medianímica. Nosso amigo — e designou com a destra o emissário das flores — apenas tomou diminuta quantidade de força ectoplásmica, formando somente pequeninas – cristalizações superficiais do polegar e do indicador, em ambas as mãos a fim de colher as flores e trazê-las até nós."* (Opus cit. p. 242).

Sem dúvida, o fenômeno da ectoplasma é um evento da mais alta transcendência. Em particular, nos casos da "materialização de ordem superior" quando são produzidos os "agêneres ectoplásmicos", vemos surgir um ser vivo completo com todos os seus órgãos e funções biológicas idênticos aos de qualquer organismo vivente. Em uma das manifestações do agênere ectoplásmico "Bien-Boa", graças à mediunidade de Marthe Beraud, o Dr. Charles Richet e Gabriel Delanne fizeram com que a "materialização" soprasse o ar de seus pulmões através de uma solução aquosa de barita, usando um pequeno tubo. O resultado foi o turvamento do líquido, revelando a presença do gás carbônico, fenômeno peculiar aos organismos vivos normais'. (RICHET, C. *Traité de Métapsychique*<sub>3</sub> p.659).

## A MATÉRIA PSI

Hernani Guimaraes Andrade

### Cap. II -SV- (21)

C) - A produção de “agêneres ectoplásmicos”, na qual o médium funciona apenas como doador de *ectoplasma*. Sua modelagem opera-se à custa do *perispírito* de um segundo agente.

## BÍBLIA

Diversos

### Gen. 19

Loth recebe os dois anjos em sua casa

E VIERAM os dois anjos a Sodoma à tarde, e estava Loth assentado à porta de Sodoma; e vendo-os Loth, levantou-se ao seu encontro, e inclinou-se com o rosto à terra;

<sup>2</sup>E disse: Eis agora, meus senhores, entrai, peço-vos, em casa do vosso servo, e passai *nela* a noite, e lavai os vossos pés; e de madrugada vos levantareis e ireis vosso caminho. E eles disseram: Não, antes na rua passaremos a noite.

<sup>3</sup>E porfiou com eles muito, e vieram com ele, e entraram em sua casa; e fez-lhes banquete, e cozeu bolos sem levedura, e comeram.

<sup>4</sup>E antes que se deitassem, cercaram a casa os varões daquela cidade, os varões de Sodoma, desde o moço até ao velho; todo o povo de todos os bairros.

<sup>5</sup>E chamaram a Loth, e disseram-lhe: Onde *estão* os varões que a ti vieram, nesta noite? Traze-os fora a nós, para que os conheçamos.

<sup>6</sup>Então saiu Loth a eles à porta, e fechou a porta atrás de si,

<sup>7</sup>E disse: Meus irmãos, rogo-vos que não façais mal;

<sup>8</sup>Eis aqui, duas filhas tenho, que *ainda* não conheceram varão; fora vo-las trarei, e fareis delas como bom *for* nos vossos olhos; somente nada façais a estes varões, porque por isso vieram à sombra do meu telhado.

<sup>9</sup>Eles, porém, disseram: Sai daí. Disseram mais: Como estrangeiro este indivíduo veio *aqui* habitar, e quereria ser juiz em tudo? Agora te faremos mais mal a ti do que a eles. E arremessaram-se sobre o varão, *sobre* Loth, e aproximaram-se para arrombar a porta.

<sup>10</sup>Aqueles varões, porém, estenderam a sua mão, e fizeram entrar a Loth consigo na casa, e fecharam a porta;

<sup>11</sup>E feriram de cegueira os varões que *estavam* à porta da casa, desde o menor até ao maior, de maneira que se cansaram para achar a porta.

<sup>12</sup>Então disseram aqueles varões a Loth: Tens alguém mais aqui? Teu genro, e teus filhos, e tuas filhas, e todos quantos tens nesta cidade, tira-os fora deste lugar;

<sup>13</sup>Porque nós vamos destruir este lugar, porque o seu clamor tem engrossado diante da face do Senhor, e o Senhor nos enviou a destruí-lo.

<sup>14</sup>Então saiu Loth, e falou aos seus genros, aos que haviam de tomar as suas filhas, e disse: Levantai-vos, saí deste lugar: porque o Senhor há de destruir a cidade. Foi tido, porém, por zombador, aos olhos dos seus genros.

<sup>15</sup>E ao amanhecer, os anjos apertaram com Loth, dizendo: Levanta-te, toma a tua mulher, e as tuas duas filhas que aqui estão, para que não pereças na injustiça desta cidade.

<sup>16</sup>Ele, porém, demorava-se, e aqueles varões lhe pegaram pela mão, e pela mão da sua mulher, e pela mão das suas duas filhas, sendo-lhe o Senhor misericordioso, e o tiraram, e o puseram fora da cidade.

<sup>17</sup>E aconteceu que, tirando-os fora, disse: Escapa-te por tua vida; não olhes para trás de ti, e não pares em toda esta campina; escapa-te lá para o monte, para que não pereças.

<sup>18</sup>E Loth disse-lhe: Assim não, Senhor!

<sup>19</sup>Eis que agora o teu servo tem achado graça aos teus olhos e engrandeceste a tua misericórdia que a mim me fizeste, para guardar a minha alma em vida: mas não posso escapar no monte, pois que tenho medo de que me apanhe este mal e eu morra.

<sup>20</sup>Eis agora, aquela cidade *está* perto, para fugir para lá, e é pequena: ora, *para* ali me escaparei (não é pequena?), para que a minha alma viva.

<sup>21</sup>E disse-lhe: Eis aqui, tenho-te aceitado, também, neste negócio, para não derribar esta cidade de que falaste.

<sup>22</sup>Apressa-te, escapa-te para ali; porque nada poderei fazer, enquanto não tiveres ali chegado. Por isso, se chamou o nome da cidade Zoar.

<sup>23</sup>Saiu o sol sobre a terra, quando Loth entrou em Zoar.

## DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO

Joao Teixeira de Paula

### Pág. 30

**AGÊNERE.** Em Espiritismo, é o estado em que o Espírito toma formas visíveis. Mostrando-se simplesmente ou apenas materializando-se, o Espírito provoca o estado de agêneres.

É termo empregado por Allan Kardec, que lhe dá a seguinte etimologia (2): do a privativo grego, e geine, geinomais, engendrar; que não foi engendrado.

A etimologia apresentada por Kardec não nos parece boa, porque a palavra, escrita com r (agêneres), só poderia provir do a privativo grego e do latim generare, Teríamos então um hibridismo, porém muito aceitável. Talvez fosse melhor agênese em vez de agêneres:

agênese proviria então do a privativo grego e de gênesis, geração. Agênese tanto seria feminino como masculino: feminino para o estado, para a classificação do fenômeno, e masculino para a corporificação em si, o Espírito corporificado, materializado.

Mas o nome está dado por quem podia dá-lo.

**AGÊNERES ECTOPLASMICOS.** Ver ECTOPLASMIA.

## Pág. 65

ECTOPLASMIA (de ectoplasma + ia).

Ciência do ectoplasma, a qual consiste no estudo do ectoplasma ou na faculdade que determinados médiuns possuem para a produção ectoplásmica.

O Dr. Hernâni Guimarães Andrade divide a Ectoplasmia em dois grupos (38):

I — Psicoplastia II — Agêneres Ectoplásmicos

AGENERES ECTOPLÁSMICOS. São as ectoplasmia que, não sendo “geradas pelos processos biológicos normais, nem produzidas pelo processo psicoplástico”, dão em resultado formas com aparências de seres vivos” (39).

## REVISTA ESPÍRITA 1859

Allan Kardec

### 38-fev 2º - Os agêneres

Repetimos muitas vezes a teoria das aparições, e a lembramos em nosso último número a propósito de fenômenos estranhos que relatamos. A eles remetemos nossos leitores, para a inteligência do que se vai seguir.

Todo mundo sabe que, no número das manifestações extraordinárias produzidas pelo senhor Home, estava a aparição de mãos, perfeitamente tangíveis, que cada um podia ver e apalpar, que pressionava e estreitava, depois que, de repente, não ofereciam senão o vazio quando as queriam agarrar de surpresa. Aí está um fato positivo, que se produziu em muitas circunstâncias, e que atestam numerosas testemunhas oculares. Por estranho e anormal que pareça, o maravilhoso cessa desde o instante em que se pode dele dar conta por uma explicação lógica; entra, então, na categoria dos fenômenos naturais, embora de ordem bem diferente daqueles que se produzem sob nossos olhos, e com os quais é preciso guardar-se para não confundi-los. Podem-se encontrar, nos fenômenos usuais, pontos de comparação, como aquele cego que se dava conta do clarão da luz e das cores pelo toque da trombeta, mas não de similitudes; é precisamente a mania de querer tudo assimilar àquilo que conhecemos, que causa decepções a certas pessoas; pensam poder operar sobre esses elementos novos como sobre o hidrogênio e o oxigênio. Ora, aí está o erro; esses fenômenos estão submetidos a condições que saem do círculo habitual de nossas observações; é preciso, antes de tudo, conhecê-las e com elas conformar-se, se se quiser obter resultados. É preciso, sobretudo, não perder de vista esse princípio essencial, verdadeira pedra principal da ciência espírita; é que o agente dos fenômenos vulgares é uma força física, material, que pode ser submetida às leis do cálculo, ao passo que nos fenômenos espíritos, esse agente é constantemente uma inteligência que tem sua vontade própria, e que não podemos submeter aos nossos caprichos.

Nessas mãos haviam a carne, pele, ossos, unhas reais? Evidentemente, não, não eram senão uma aparência, mas tal que produzia o efeito de realidade. Se um Espírito tem o poder de tornar uma parte qualquer de seu corpo etéreo visível e palpável, não há razão que não possa ser do mesmo modo com os outros órgãos. Suponhamos, pois, que um Espírito estenda essa aparência a todas as partes do corpo, creríamos ver um ser

semelhante a nós, agindo como nós, ao passo que isso não seria senão um vapor momentaneamente solidificado. Tal é o caso do fantasma de Bayonne. A duração dessa aparência está submetida a condições que nos são desconhecidas; ela depende, sem dúvida, da vontade do Espírito, que pode produzi-la ou fazê-la cessar à sua vontade, mas em certos limites que não está sempre livre para transpor. Os Espíritos, interrogados quanto a esse assunto, assim também sobre todas as intermitências de quaisquer manifestações, sempre disseram que agem em virtude de uma permissão superior.

Se a duração da aparência corporal é limitada para certos Espíritos, podemos dizer que, em princípio, ela é variável, e pode persistir por um maior ou menor tempo; que pode produzir-se em todos os tempos e a toda hora. Um Espírito, cujo corpo todo fosse assim visível e palpável, teria para nós todas as aparências de um ser humano, e poderia falar conosco, sentar-se em nosso lar como uma pessoa qualquer, porque, para nós, seria um dos nossos semelhantes.

Partimos de um fato patente, a aparição de mãos tangíveis, para chegarmos a uma suposição que lhe é a consequência lógica; e, todavia, não a teríamos insinuado se a história da criança de Bayonne não tivesse sido colocada em nosso caminho, mostrando sua possibilidade. Um Espírito superior, perguntado sobre esse ponto, respondeu que, com efeito, podem-se encontrar seres dessa natureza sem disso duvidar; acrescentou que é raro, mas que isso se vê. Como para se entender é preciso um nome para cada coisa, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas chama-os agêneres para indicar que sua origem não é o produto de uma geração. O fato seguinte, que se passou recentemente em Paris, parece pertencer a essa categoria:

Uma pobre mulher estava na igreja de Saint-Roch, e pedia a Deus vir em ajuda de sua aflição. Em sua saída da igreja, na rua Saint-Honoré, ela encontrou um senhor que a abordou dizendo-lhe: "Minha brava mulher, estaríeis contente por encontrar trabalho? - Ah! meu bom senhor, disse ela, pedia a Deus que me fosse achá-lo, porque sou bem infeliz. - Pois bem! Ide em tal rua, em tal número; chamareis a senhora T...; ela vo-lo dará." Ali continuou seu caminho. A pobre mulher se encontrou, sem tardar, no endereço indicado - Tenho, com efeito trabalho a fazer, disse a dama em questão, mas como ainda não chamei ninguém, como ocorre que vindes me procurar? A pobre mulher, percebendo um retrato pendurado na parede, disse: - Senhora, foi esse senhor ali, que me enviou. - Esse senhor! Repetiu a dama espantada, mas isso não é possível; é o retrato de meu filho, que morreu há três anos. - Não sei como isso ocorre, mas vos asseguro que foi esse senhor, que acabo de encontrar saindo da igreja onde fui pedir a Deus para me assistir; ele me abordou, e foi muito bem ele quem me enviou aqui.

No que acabamos de ver, não haveria nada de surpreendente em que esse Espírito, do filho dessa dama, para prestar serviço a essa pobre mulher, da qual havia, sem dúvida, ouvido a prece, apareceu-lhe sob sua forma corporal para lhe indicar o endereço de sua mãe. Em que se tornou depois? Sem dúvida, no que era antes: num Espírito, a menos que não tenha julgado oportuno se mostrar as outras sob a mesma aparência, continuando seu passeio. Essa mulher, assim, teria encontrado um agêner, com o qual conversou. Mas, então, dir-se-á, por que não se apresentou à sua mãe? Nessas circunstâncias, os motivos determinantes dos Espíritos nos são completamente desconhecidos; eles agem como melhor lhes parece, ou melhor, como disseram, em virtude de uma permissão sem a qual eles não podem revelar sua existência de maneira material. Compreende-se, de resto, que sua visão poderia causar uma emoção perigosa à sua mãe; e quem sabe se não se

apresentou a ela, seja durante o sono, seja de outro modo? E, aliás, esse não era o meio de revelar-lhe sua existência? É mais que provável que foi testemunha invisível da entrevista.

O Fantasma de Bayonne parece-nos dever ser considerado como um agêner, pelo menos nas circunstâncias em que se manifestou; porque para a família sempre teve o caráter de um Espírito, caráter que ele jamais procurou dissimular: era seu estado permanente, e as aparências corporais que tomou não foram senão acidentais; ao passo que o agêner, propriamente dito, não revela sua natureza, e não é, aos nossos olhos, senão um homem comum; sua aparição corporal pode, se for preciso, ter longa duração para poder estabelecer relações sociais com um ou com vários indivíduos.

Pedimos ao Espírito de São Luís consentir em nos esclarecer diferentes pontos, respondendo às nossas perguntas.

1. O Espírito do Fantasma de Bayonne poderia se mostrar corporalmente em outros lugares e a outras pessoas senão em sua família? - R. Sim, sem dúvida.

2. Isso depende de sua vontade? - R. Não precisamente; o poder dos Espíritos é limitado; não fazem senão o que lhes é permitido fazerem.

3. Que ocorreria se fosse apresentado a uma pessoa desconhecida? - R. Seria tomado por uma criança comum. Mas vos direi uma coisa, é que existe, algumas vezes, na Terra, Espíritos que revestem essa aparência, e que são tomados por homens.

4. Esses seres pertencem aos Espíritos inferiores ou superiores? - R. Podem pertencer aos dois; esses são fatos raros. Deles tendes exemplos na Bíblia.

5. Raros ou não, basta que sejam possíveis para merecerem a atenção. Que ocorreria, tomando semelhante ser por um homem comum, se lhe fizesse um ferimento mortal? Seria morto? - R. Desapareceria subitamente, como o jovem de Londres. (Ver o número de dezembro de 1858, Fenômeno de Bicorporeidade.)

6. Têm eles paixões? - R. Sim, como Espíritos, têm as paixões de Espíritos segundo a sua inferioridade. Se tomam um corpo aparente, algumas vezes, é para gozarem as paixões humanas; se são elevados, é para um fim útil.

7. Podem eles procriar? - R. Deus não lhes permitiria; seria contrário às leis que estabeleceu para a Terra; elas não podem ser elididas.

8. Se um semelhante ser a nós se apresentasse, haveria um meio para reconhecê-lo? - R. Não, apenas pela sua desaparecimento, que se faz de modo inesperado. É o mesmo fato do transporte de móveis de um térreo ao sótão, fato que já lestes. Nota. Alusão a um fato dessa natureza reportado no começo da sessão.

9. Qual é a finalidade que pode levar certos Espíritos a tomarem esse estado corporal; é antes para o mal que para o bem? - R. Frequentemente para o mal; os bons Espíritos dispõem da inspiração; agem sobre a alma e pelo coração. Vós o sabeis, as manifestações físicas são produzidas por Espíritos inferiores, e estas são desse número. Entretanto, como já disse, os bons Espíritos também podem tomar essa aparência corpórea com um fim útil; falei de modo geral.

10. Nesse estado, podem tomar-se visíveis ou invisíveis à vontade? - R. Sim, uma vez que poderão desaparecer quando o quiserem.

11. Têm um poder oculto, superior ao dos outros homens? - R. Não têm senão o poder que lhes dá sua posição como Espíritos.

12. Têm eles uma necessidade real de se alimentarem? - R. Não; o corpo não é um corpo real.

13. Entretanto, o jovem de Londres não tinha um corpo real, e, todavia, almoçou com os amigos, e lhes apertou a mão. Em que se tornou a alimentação ingerida? - R. Antes de apertar a mão, onde estavam os dedos que pressionam? Por que não quereis compreender que a matéria desaparece também? O corpo do jovem de Londres não era uma realidade, uma vez que estava em Boulogne; era, pois, uma aparência; ocorria o mesmo com o alimento que parecia ingerir.

14. Tendo-se um semelhante ser em casa, seria um bem ou um mal? - R. Seria antes um mal; de resto, não se podem adquirir muitos conhecimentos com esses seres. Não podemos dizer-vos muito, esses fatos são excessivamente raros e não têm, jamais, um caráter de permanência. Suas desapareições corpóreas instantâneas, como as de Bayonne, o são muito menos.

15. Um Espírito familiar protetor, algumas vezes, toma essa forma? - R. Não; não tem ele as cordas interiores? Toca-as mais facilmente do que o faria sob forma visível, ou se o tomássemos como um dos nossos semelhantes.

16. Perguntou-se se o conde de Saint-Germain não pertencia à categoria dos agêneres. - R. Não; era um hábil mistificador.

A história do jovem de Londres, narrada em nosso número de dezembro, é um fato de Bicorporeidade, ou melhor, de dupla presença, que difere essencialmente daquele em questão. O agêner não tem corpo vivo na Terra; somente seu perispírito toma forma palpável. O jovem de Londres estava perfeitamente vivo; enquanto seu corpo dormia em Boulogne, seu espírito, envolvido pelo perispírito, foi a Londres, onde tomou uma aparência tangível.

Um fato quase análogo nos é pessoal. Enquanto estávamos pacificamente em nossa cama, um dos nossos amigos viu-nos várias vezes em sua casa, embora sob uma aparência não tangível, sentado ao seu lado e conversando com ele como de hábito. Uma vez nos viu com roupão, outras vezes com paletó. Transcreveu nossa conversa, que nos comunicou no dia seguinte. Ela era, pensando bem, relativa aos nossos trabalhos prediletos. Para fazer uma experiência, ofereceu-nos refrescos, e eis nossa resposta: "Deles não necessito, uma vez que não é meu corpo que aqui está; vós o sabeis, não há nenhuma necessidade de vos produzir uma ilusão." Uma circunstância, bastante bizarra, se apresentou na ocasião. Seja predisposição natural, seja resultado de nossos trabalhos intelectuais, sérios desde nossa juventude, poderíamos dizê-lo desde a infância, o fundo do nosso caráter sempre teve uma extrema gravidade, mesmo na idade em que não se pensa mais do que no prazer. Essa preocupação constante nos dá um encontro muito frio, excessivamente frio mesmo; ao menos é pelo que somos frequentemente censurados; mas, sob essa falsa aparência glacial, o Espírito sente, talvez mais vivamente, como se tivesse mais expansão exterior. Ora, em nossas visitas noturnas ao nosso amigo, este ficou surpreso por nos achar diferente; éramos mais aberto, mais comunicativo, quase alegre. Tudo respirando, em nós, a satisfação e a calma do bem-estar. Não está aí um efeito do Espírito desligado da matéria?

## 44- Fev. 3º - Meu amigo Hermann

Revista Espírita, fevereiro de 1859 Sob esse título, M. H. Lugner publicou, no folhetim do Journal de Debates de 26 de novembro de 1858, uma espiritual história fantástica, no gênero de Hoffmann, e que, à primeira vista, parecia ter alguma analogia com os nossos agêneres, e os fenômenos de tangibilidade dos quais falamos. A extensão dessa história não nos permite reproduzi-la por inteiro; limitar-nos emos a dela fazer uma análise, fazendo notar que o autor a conta como um fato do qual teria sido, pessoalmente, testemunha, tendo, diz ele, laços de amizade com o herói da aventura. Esse herói, de nome Hermann, morava em pequena cidade no fundo da Alemanha. "Era, diz o narrador, um belo moço de 25 anos, de aparência avantajada, cheio de nobreza em todos os seus movimentos, gracioso e espiritual em sua linguagem. Era muito instruído, sem o menor pedantismo, muito fino, sem malícia, muito senhor de sua dignidade sem a menor arrogância. Breve, era perfeito em tudo, e mais perfeito, ainda, em três coisas quanto em todo o resto: seu amor pela filosofia, sua vocação particular pela valsa, e a doçura de seu caráter. Essa doçura não era fraqueza, nem medo de outrem, nem desconfiança exagerada de si mesmo: era uma inclinação natural, uma superabundância desse milk of human kindness que se encontra, comumente, na ficção dos poetas, e do qual a Natureza havia distribuído a Hermann uma dose inabitual. Continha e sustentava, ao mesmo tempo, seus inimigos com uma bondade todo-poderosa e superior aos ultrajes; podia-se feri-lo, mas não encolerizá-lo. Tendo seu cabeleireiro, um dia, queimado-lhe a ponta da orelha encrespando o, Hermann se apressou em pedir-lhe desculpas, tomando a falta sobre si, assegurando mesmo que havia se movimentado mal oportunamente. Entretanto, não fora nada disso, e posso dizê-lo conscientemente, porque estava lá e vi, claramente, que tudo resultou da imperícia do cabeleireiro. Deu ele muitos outros sinais da imperturbável bondade de sua alma. Escutava ler maus versos com um ar angélico, respondia às mais tolas sátiras por complementos bem-feitos, e os piores espíritos usaram contra ele suas maldades. Essa doçura desconhecida tornara-o célebre; não havia mulher que não desse sua vida para vigiar, sem descanso, o caráter de Hermann, e para procurar fazê-lo perder a paciência, ao menos uma vez em sua vida."

"Acrescentai a todos esses méritos a vantagem de inteira independência e uma fortuna suficiente para ser considerado entre os mais ricos cidadãos da cidade, e tereis dificuldade em imaginar que possa faltar alguma coisa ao feliz Hermann. Entretanto, ele não era feliz e, frequentemente, dava sinais de tristeza.....Isso devia-se a uma enfermidade singular que o afligira toda a sua vida, e que há muito atiçava a curiosidade da pequena cidade."

"Hermann não podia ficar desperto um instante depois do pôr-do-sol. Quando o dia se aproximava de seu fim, era tomado de um langor insuportável, e caía progressivamente em uma sonolência que ninguém podia prever, e da qual não se podia tirá-lo. Se deitava-se com o sol, levantava-se com o dia, e seus hábitos matinais teriam feito dele um excelente caçador se pudesse superar seu horror pelo sangue e suportar a ideia de dar morte cruel a criaturas inocentes." Eis como, em algumas palavras, num momento de expansão, dá conta de sua situação ao seu amigo do Journal dês Debats:

"Sabeis, meu caro amigo, à qual enfermidade me sujeito e que sono invencível me oprime regularmente desde o deitar até que o Sol se levante. Sobre isso estais tão instruído quanto todo mundo, e, como todo mundo, ouvistes dizer que esse sonho se

parece, a ponto de se enganar, com a morte. Nada é mais verdadeiro, e esse prodígio pouco me importaria, juro vos, se a Natureza tivesse se contentado em tomar meu corpo para o objeto de uma de suas fantasias. Mas minha alma é também seu brinquedo, e não posso vos dizer, sem horror, a sorte bizarra e cruel que lhe foi infligida. Cada uma de minhas noites é preenchida por um sonho, e esse sonho se liga, com a maior clareza, ao sonho da noite precedente. Esses sonhos (queira Deus que esses sejam sonhos!) se seguem e se encadeiam como acontecimentos de uma existência comum que se desenvolveria à face do sol e na companhia de outros homens. Vivo, pois, duas vezes e conduzo duas existências bem diferentes: uma se passa aqui, convosco e com os nossos amigos, a outra bem longe daqui, com homens que conheço tão bem quanto vós, a quem falo como vos falo, e que me tratam de louco, como ireis fazê-lo, quando faço alusão a uma outra existência além daquela que passo com eles.

Todavia, não estou aqui vivo e falando, sentado perto de vós, penso que bem desperto; e aquele que pretendesse que nós voltamos ou que somos sombras, não passaria, a justo título, por um insensato? Pois bem! Meu caro amigo, cada um dos momentos, cada um dos atos que preenchem as horas do meu inevitável sono, não têm menos de realidade, e quando estou inteiramente nessa outra existência, é a esta que fico tentado a pedir-lhe um sonho." "Todavia, não sonho mais aqui que naquele mundo; vejo, alternativamente, os dois lados, e não poderia duvidar, se bem que minha razão, quanto a isso, esteja estranhamente ofendida, que minha alma não anime sucessivamente dois corpos e não conduza de frente duas existências. Ai! meu caro amigo, queira Deus que ela tenha, nesses dois corpos, os mesmos instintos e a mesma conduta, e que eu seja, no outro mundo, o homem que conheceis e que amais aqui. Mas isso não é nada, e não se ousaria quase nada contestar quanto à influência do físico sobre o moral conhecendo-se minha história. Não quero me vangloriar, e, aliás, o orgulho que uma dessas duas existências poderia me inspirar seria bem rebatido pela vergonha que é inseparável da outra; entretanto, posso dizer, sem vaidade, que aqui sou justamente amado e respeitado por todo o mundo; louva-se minha personalidade e minhas maneiras; acha-se meu ar nobre, liberal e distinto. Amo, como sabeis, as letras, a filosofia, as artes, a liberdade, tudo o que faz o encanto e a dignidade da vida humana; sou socorro dos infelizes e sem inveja contra meu próximo. Conheceis minha doçura passada em provérbio, meu espírito de justiça e de misericórdia, meu insuperável horror pela violência. Todas essas qualidades que me elevam e que me ornaram aqui, eu as expio, no outro mundo, por vícios contrários; a Natureza, que me cumulou aqui com suas bênçãos, quis no outro mundo maldizer-me. Não só ela me lançou numa situação inferior onde devo ficar, sem letras e sem cultura, mas deu, a esse outro corpo, que é também o meu, órgãos tão grosseiros e tão perversos, sentidos tão cegos e tão fortes, tais inclinações e tais necessidades, que minha alma obedece ao invés de comandar, e se deixa arrastar atrás desse corpo despótico nas mais vis desordens. Naquele mundo, sou duro e frouxo, perseguidor dos fracos e rastejador diante dos fortes, impiedoso e invejoso, naturalmente injusto, violento quase ao delírio. Todavia, sou eu mesmo e acho bonito me odiar e me desprezar, não posso me desconhecer."

"Hermann se deteve um instante; sua voz estava tremendo e seus olhos molhados de lágrimas. Disse-lhe, tentando sorrir: Quero acariciar vossa loucura, Hermann, para melhor curá-la. Dizei-me tudo, e primeiro onde se passa essa outra existência e sob qual nome sois conhecido?"

"Chamo-me William Parker, respondeu ele; sou cidadão de Melbourne, na Austrália. É para ali, nos opostos, que minha alma voa quando vos deixa. Quando o Sol se deita aqui, ela deixa Hermann inanimado atrás dela, e o Sol se eleva no outro mundo quando ela vai dar vida ao corpo inanimado de Parker. Então começa minha miserável existência de vagabundagem, de fraudes, de rixas e de mendicância. Frequento má sociedade e aí sou contado entre os piores; sem cessar, estou em luta com os meus companheiros, e, frequentemente, tenho a mão na faca; estou sempre em guerra com a polícia e, frequentemente, reduzido a me esconder. Mas tudo tem um fim nesse mundo, e esse suplício toca seu fim. Felizmente, cometi um crime. Matei covarde e brutalmente uma pobre criatura que estava ligada a mim. Assim, levei ao seu auge a indignação pública, já excitada pelas minhas más ações. O júri me condenou à morte e espero minha execução. Algumas pessoas, humanas e religiosas, intercederam junto ao governador para obterem minha graça ou pelo menos um adiamento, que me daria o tempo de me converter. Mas conhece-se muito bem minha natureza grosseira e intratável. Recusou-se e, amanhã, ou, se preferis, esta noite, serei infalivelmente conduzido ao suplício."

"Pois bem! disse-lhe rindo, tanto melhor para vós e para nós; é um bom alívio a morte desse velhaco. Uma vez Parker lançado na eternidade, Hermann viverá tranquilo; poderá velar como todo o mundo e permanecer dia e noite conosco. Aquela morte vos curará, meu caro amigo, e sou grato ao governador de Melbourne por ter recusado a graça a esse miserável."

"Enganai-vos, respondeu-me Hermann com uma gravidade que me causou pena; morreremos os dois juntos, porque não somos senão um, apesar de nossas diversidades e nossa antipatia natural, não temos senão uma alma que será atingida de um só golpe, e em todas as coisas respondemos um pelo outro. Credes, pois, que Parker viveria ainda se Hermann tivesse sentido que, tanto na morte como na vida, eram inseparáveis? Hesitaria um instante se pudesse arrancar e lançar ao fogo essa outra existência, como o olho maldito de que falam as Escrituras? Mas eu era tão feliz por viver aqui que não podia resolver-me a morrer no outro mundo, e minha indecisão durou até que a sorte decidiu por mim essa questão terrível. Hoje tudo está dito e, crede bem, vos dou adeus."

"No dia seguinte, encontrou-se Hermann morto em sua cama, e, alguns meses depois, os jornais da Austrália trouxeram a notícia da execução de William Parker, com todas as circunstâncias descritas por seu sócia."

Toda essa história está contada com um imperturbável sangue frio e o tom mais sério; nada lhe falta, nos detalhes que omitimos, para dar-lhe um cunho de verdade. Em presença de fenômenos estranhos, dos quais somos testemunhas, um fato dessa natureza poderia parecer, se não real, pelo menos possível, e se relacionar, até um certo ponto, com aqueles que citamos.

Com efeito, não seria análoga à do jovem que dormia em Boulogne ao passo que, no mesmo instante, conversava em Londres com seus amigos? A de Santo Antônio de Pádua, que no mesmo dia pregava na Espanha e se mostrava em Pádua para salvar a vida de seu pai, acusado de morte? À primeira vista pode-se dizer que, se esses últimos fatos são exatos, não é mais impossível que esse Hermann viveu na Austrália enquanto dormia na Alemanha e reciprocamente. Embora nossa opinião estivesse perfeitamente estabelecida a esse respeito, cremos dever referi-la aos nossos instrutores de além-túmulo, em uma das sessões da Sociedade. A esta pergunta: Os fatos narrados pelo Journal des Debats é real? Foi respondido: Não; é uma história de pura invenção, para divertir os leitores. - Se não é

real, é possível? - R. Não; uma alma não pode animar dois corpos diferentes. Com efeito, na história de Boulogne, se bem que o jovem haja se mostrado em dois lugares diferentes, não havia, realmente, senão um corpo, em carne e osso, que estava em Boulogne; em Londres, não havia senão uma aparência do perispírito, tangível, é verdade, mas que não era o próprio corpo, o corpo mortal; não poderia morrer em Londres e em Boulogne. Hermann, ao contrário, segundo a história, tinha realmente dois corpos, uma vez que um foi enforcado em Melbourne e o outro enterrado na Alemanha. A mesma alma teria, assim, conduzido de frente duas existências, o que, segundo os Espíritos, não é possível. Os fenômenos do gênero do de Boulogne e de Santo Antônio de Pádua, se bem que bastante frequentes, são, aliás, sempre acidentais e fortuitos num indivíduo, e não têm, jamais, um caráter de permanência, ao passo que o pretense Hermann era assim desde a sua infância. Mas a razão, a mais grave de todas, é a da diferença de caracteres; seguramente, se esses dois indivíduos não tiveram senão uma e a mesma alma, ela não poderia ser, alternativamente, a de um homem de bem e a de um bandido. O autor se funda, é verdade, sobre a influência do organismo; mas o lamentamos se tal é sua filosofia, e mais ainda se procura acreditá-la, porque isso seria negar a responsabilidade dos atos; uma semelhante doutrina seria a negação de toda moral, uma vez que reduziria o homem ao estado de máquina.

### 235-ago 3º

"Durante a convalescença da criança, pelo dia 25 de agosto, ocorreu, nessa mesma casa, a aparição de um agêner. Pelas dez e meia da noite, a senhora Mally, levando a pequena pela mão, descia uma escada de serviço, quando ela percebeu um indivíduo que subia. A escada estava perfeitamente iluminada pela luz da cozinha, de modo que a senhora Mally pôde muito bem distinguir o indivíduo, que tinha todas as aparências de uma pessoa vigorosamente constituída. Ambos chegaram ao patamar ao mesmo tempo, encontraram-se face a face; era um jovem de rosto agradável, bem-vestido, a cabeça coberta com um boné, e tendo à mão um objeto que ela não pôde distinguir. A senhora Mally, surpresa com esse encontro inesperado, a essa hora e numa escada, oculta, considerou-o sem dizer uma palavra e sem mesmo perguntar-lhe a que veio. O desconhecido, de seu lado, considerou-a um momento em silêncio, depois girou nos calcanhares e desceu a escada esfregando as barras da rampa com o objeto que levava à mão e que fazia o mesmo ruído como se fora uma varinha. Apenas ele desapareceu e a senhora Mally se precipitou no quarto onde eu me encontrava nesse momento, e gritou que um ladrão estava na casa. Colocamo-nos à procura, ajudadas pelo meu cão; todos os cantos foram explorados; assegurou-se que a porta da rua estava fechada e que ninguém pôde se introduzir, e que, aliás, não se poderia fechar sem ruído; era pouco provável, de resto, que um malfeitor viesse numa escada iluminada e a uma hora na qual estava exposto a encontrar, a cada instante, as pessoas da casa; por outro lado, como o estranho se encontrara nesta escada que não serve ao público; e, em todos os casos, se se enganasse, teria dirigido a palavra à senhora Mally, ao passo que lhe voltou as costas e se foi tranquilamente, como alguém que não tivesse pressa e nem estivesse embaraçado em seu caminho. Todas essas circunstâncias não puderam nos deixar dúvida sobre a natureza desse indivíduo.

## REVISTA ESPÍRITA 1860

Allan Kardec

**43-fev 2º**

Mas pode ocorrer que o Espírito revista uma forma ainda mais nítida e tome as aparências de um corpo sólido, ao ponto de produzir uma ilusão completa e de fazer crer a presença de um ser corpóreo. Enfim, a tangibilidade pode se tornar real, quer dizer, que se pode tocar, apalpar esse corpo, sentir a mesma resistência, o mesmo calor que da parte de um corpo animado, e isso quase pode se desvanecer com a rapidez do raio. Não somente a aparição desses seres, designados sob o nome de agêneres, é muito rara, ela é sempre accidental e de curta duração, e não poderiam tomar-se sob essa forma, os comensais habituais de uma casa.

**87-mar 6º**

20. Pois bem! Eis esta pergunta. Vedes num espelho? - R. Não. Que vedes num espelho? O reflexo de um objeto material e não posso produzir o reflexo senão com a ajuda da operação que me torna o perispírito tangível. 21. Assim um Espírito que se encontrasse nas condições de um agênera, por exemplo, poderia ver-se num espelho? - R. Certamente.

**103-abr 1º**

4ª Narração de um fato de aparição tangível, tendo todas as características de um agênera, acontecido em 15 de janeiro último, no município de Brix, perto de Valognes. Esse fato foi transmitido ao senhor Ledoyen por uma pessoa do seu conhecimento e que lhe certificou a exatidão. (Publicada adiante.)

**124-abr 5º**

Aparição tangível. No dia 14 de janeiro último, o senhor Lecomte, agricultor na comuna de Brix, arredores de Valognes, foi visitado por um indivíduo que se disse ser um de seus antigos camaradas, com o qual trabalhara no porto de Cherbourg e cuja morte remonta há dois anos e meio. Essa aparição tinha por fim pedir a Lecomte que lhe fizesse dizer uma missa. No dia 15, a aparição se reproduziu; Lecomte, menos amedrontado, reconheceu efetivamente seu antigo companheiro; mas, perturbado ainda, não soube o que responder; o mesmo ocorreu nos dias 17 e 18 de janeiro. Não foi senão no dia 19 que Lecomte lhe disse: uma vez que desejas uma missa, onde queres que ela seja dita, e a ela assistirás? - Eu desejo, respondeu o Espírito, que a missa seja dita na capela de Saint-Sauveur, em oito dias, e ali me encontrarei. Ele acrescentou: há muito tempo que não te via e estava distante para vir te encontrar. Dito isso, deixou-o, apertando-lhe a mão. O senhor Lecomte não faltou com a sua promessa; no dia 27 de janeiro, a missa foi dita em Saint-Sauveur, e ele viu seu antigo camarada ajoelhado nos degraus do altar, junto ao padre oficiante; mas

nenhum outro que ele o percebeu, se bem que perguntara ao padre e aos assistentes se não o viam. Desde esse dia, o senhor Lecomte não foi mais visitado, e retomou sua tranquilidade habitual. Nota. Segundo esse relato, cuja autenticidade está garantida por uma pessoa digna de fé, não se trata de uma simples visão, mas de uma aparição tangível, uma vez que o defunto amigo do senhor Lecomte apertou-lhe a mão. A isso os incrédulos chamarão uma alucinação; mas até o presente, esperamos ainda de sua parte uma explicação clara, lógica e verdadeiramente científica dos estranhos fenômenos que eles designam com esse nome, que nos parece antes um fim de não receber senão uma solução.

## REVISTA ESPÍRITA 1866

Allan Kardec

189-jun 11º

Dissemos que o livro do Sr. Roustaing não se afasta dos princípios de O Livro dos Espíritos e de O Livro dos Médiuns. Nossas observações assentam sobre a aplicação desses mesmos princípios à interpretação de certos fatos. É assim, por exemplo, que ele dá ao Cristo, em vez de um corpo carnal, um corpo fluídico concretizado, tendo todas as aparências da materialidade, e dele faz um agêneres. Aos olhos dos homens que então não tivessem podido compreender sua natureza espiritual, deve ter passado em aparência, expressão incessantemente repetida no curso de toda a obra, para todas as vicissitudes da Humanidade. Assim se explicaria o mistério de seu nascimento: Maria não teria tido senão as aparências da gravidez. Este ponto, posto como premissa e pedra angular, é a base sobre a qual ele se apoia para a explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus.

Sem dúvida nada há nisso de materialmente impossível para quem quer que conheça as propriedades do invólucro perispiritual. Sem nos pronunciarmos a favor ou contra essa teoria, diremos que ela é, pelo menos, hipotética, e que se um dia fosse reconhecida errônea, faltando a base, o edifício desabaria. Esperamos, pois, os numerosos comentários que ela não deixará de provocar da parte dos Espíritos, e que contribuirão para elucidar a questão. Sem a prejudicar, diremos que já foram feitas sérias objeções a essa teoria, e que, em nossa opinião, os fatos podem perfeitamente ser explicados sem sair das condições da humanidade corporal.

Estas observações, subordinadas à sanção do futuro, em nada diminuem a importância desta obra, que, ao lado de coisas duvidosas, em nosso ponto de vista, encerra outras incontestavelmente boas e verdadeiras, e será consultada com proveito pelos espíritas sérios.

Se o fundo de um livro é o principal, a forma não é para desdenhar e concorre com algo para o sucesso. Acharmos que certas partes são desenvolvidas muito extensamente, sem proveito para a clareza. A nosso ver, se a obra se tivesse limitado ao estritamente necessário, poderia ter sido reduzida a dois, ou mesmo a um só volume, com isso ganhando em popularidade.

## 371-dez 2º

Como se vê, há mais de uma similitude entre estes fatos e os de Joana d’Arc, não que haja qualquer comparação a estabelecer quanto à importância dos resultados realizados, mas quanto à causa do fenômeno, que é exatamente a mesma e, até certo ponto, quanto ao objetivo. Como Joana d’Arc, Martin foi advertido por um ser do mundo espiritual para ir falar ao rei para salvar a França de um perigo e, também como ela, não foi sem dificuldade que chegou até ele. Há, todavia, entre as duas manifestações, esta diferença: Joana d’Arc apenas ouvia as vozes que a aconselhavam, ao passo que Martin via constantemente o indivíduo que lhe falava, não em sonho ou em sono extático, mas sob a aparência de um ser vivo, como o seria um agênere.

### CRÔNICAS DE UM E DE OUTRO

Luciano dos Anjos/H.C. Miranda

#### Cap. 71 §5 (242)

#### A DOUTRINA ESPÍRITA (I)

##### **DAS OBRAS DE ALLAN KARDEC e outras subsidiárias recolho a seguinte síntese da Doutrina Espírita:**

Deus é a inteligência suprema do universo, causa primária de todas as coisas. Deus é eterno, imutável, único, uno, todo-poderoso, soberanamente justo e bom. Deus cria sem cessar e de toda a eternidade.

Adora-se a Deus por meio da prece e pelo cumprimento de todos os deveres que nos são impostos pela moral cristã.

A prece só é útil quando parte do coração. É ineficaz quando pronunciada apenas pelos lábios.

Não existem fórmulas mais ou menos convenientes para se orar. Seria o mesmo que admitir conveniência boa ou má em orar neste ou naquele idioma.

Jesus é o ser mais puro que até hoje se manifestou na Terra. Jesus não é Deus. Jesus foi um agênere

A moral espírita é a moral do Cristianismo.

Os maiores inimigos do homem são o orgulho, a vaidade, o egoísmo, a inveja e a ignorância.

O mérito nosso está no sacrifício e, praticamente, deixa de existir quando o bem nada custa ou é feito sem trabalho.

O trabalho é uma lei natural de Deus e o meio imposto ao homem para aperfeiçoar a sua inteligência, assegurar o seu progresso, o seu bem-estar e a sua felicidade.

Infringe a lei de Deus quem usa de sua autoridade para impor aos seus inferiores um trabalho excessivo.

O matrimônio monogâmico é lei natural de Deus e representa progresso da sociedade.

Não tem mérito o celibato voluntário, pois não aproveita a ninguém.

As mutilações do corpo do homem e dos animais são inúteis. Para dominar a matéria terrestre basta praticar a caridade.

Todos os homens têm igualmente o direito de usar os bens da Terra. Quem os amontoa para conseguir o supérfluo, em prejuízo dos que carecem do necessário, é egoísta e responderá pelas privações que fez sofrer.

Deus pôs no homem o instinto de conservação para que o sustivesse nas provas, pois sem isso ele descuidaria da vida.

O predomínio das paixões ou da natureza animal sobre a espiritual é que induz o homem à guerra.

Quem tira a vida a outrem corta uma existência de expiação ou de missão e é culpado perante Deus.

Duelar é crime, sendo costume digno somente de povos bárbaros. O chamado ponto de honra com que o querem justificar não passa de orgulho e vaidade.

A pena de morte é contrária à lei de Deus e um dia desaparecerá da legislação humana.

Todos os homens devem concorrer para o progresso, ajudando-se mutuamente. O homem pode, às vezes, retardar, mas jamais impedir a marcha do progresso.

Todos os homens são iguais perante Deus, têm um mesmo princípio e um mesmo destino.

É impossível estabelecer a igualdade absoluta das riquezas. A diversidade das faculdades e dos caracteres opõe-se a isso.

O homem e a mulher são iguais perante Deus e têm os mesmos direitos. A natureza dotou o homem com mais força para que ele a proteja e não para que a escravize.

Uma legislação para ser justa deve consagrar a igualdade de direitos ao homem e à mulher, mas não a igualdade de funções, pois é preciso que cada qual tenha as ocupações que lhe são próprias e segundo as suas aptidões.

O desejo do próprio morto de perpetuar com monumentos fúnebres a sua memória é o seu último ato de orgulho.

Toda e qualquer crença é respeitada quando é sincera e conduz à prática do bem. Mas, a melhor doutrina é a que faz mais homens de bem e menos hipócritas.

A base da justiça, fundada na lei natural, está na afirmativa do Cristo: “Desejai para os outros o que desejardes para vós mesmos.”

O primeiro de todos os direitos naturais do homem é o direito à vida.

Somente é legítima a propriedade que se adquire por meio de trabalho e sem prejuízo de outrem.

A melhor das virtudes é a que estiver fundada na caridade mais desinteressada.

O homem não pode, na Terra, gozar a perfeita felicidade; mas depende dele dulcificar os seus males.

Não há motivo para se ter medo da morte. A morte não existe. A doutrina materialista é a sanção do egoísmo, fonte de todos os vícios.

O homem não tem direito de dispor da sua vida. O suicídio é o maior crime contra si próprio e contra Deus.

## PARAPSICOLOGIA EXPERIMENTAL

Hernani Guimaraes Andrade

### Cap. 2.4.4 (38)

Pode dividir-se a ectoplasma, em dois subgrupos:

- **Psicoplastia** - ectoplasma provocadas pela mente do próprio médium. Crê-se que o Dinamo psiquismo inconsciente do médium, e até dos circunstantes, pode agir sobre o ectoplasma, modelando-o:

- **Agêneres ectoplásmicos** = ectoplasma que resultam em formas com aparência de seres vivos, não geradas pelos processos biológicos normais, nem produzidas pelo processo psicoplástico acima citado.

## ESTUDOS SOBRE MEDIUNIDADE

CENTRO ESPÍRITA ALLAN KARDEC

### Cap. 35ª (157)

Agêneres — É o nome que se dá às materializações de espíritos um tanto mais duradouras que o comum, de modo que lhes permite conviver algum tempo entre os encarnados, como se também encarnados fossem. Na Bíblia, há o relato de dois anjos que Lot hospedou em sua casa (Gen. 19); Allan Kardec estudou o assunto na "Revista Espírita" de fevereiro/ 1859, dando um exemplo ocorrido naquela época; vide, a respeito, o item 125 do Cap. VII, 2ª Parte de "O Livro dos Médiuns".

## MEDIUNIDADE (2 DE 7)

Therezinha Oliveira

### Cap. 33 (215)

Agêneres: é o nome que se dá às materializações de espíritos um tanto mais duradouras que o comum, de modo que lhes permite conviver algum tempo entre os encarnados, como se também encarnados fossem. Na Bíblia, há o relato de dois anjos que Lot hospedou em sua casa (Gên. 19); Allan Kardec estudou o assunto na *Revista Espírita* de fevereiro de 1859, dando um exemplo ocorrido naquela época; vide, a respeito, o item 125 do cap. VII, 2ª parte de *O Livro dos Médiuns*.

## EXTRAORDINÁRIOS FENÔMENOS ESPÍRITAS

Aureliano Alves Netto

### Cap. 23 (69)

#### Materialização ao Ar Livre

*Desconfia sempre do que parece provável, e  
começa sempre por crer no que parece incrível.*

Emile Gaboriau

“Evidentemente foi muito agradável a surpresa que experimentou o Dr. Claudionor Ribeiro Moura, funcionário da Receita Federal, de Nanuque — MG, em deparar-se com o seu compadre e amigo Raimundo Leal, de Salvador — BA, que há quatro anos não via, em meio da multidão reunida em Coroa Vermelha — Porto Seguro, ponto primeiro da abordagem de Pedro Álvares Cabral, na descoberta do Brasil, por ocasião da inauguração da BR-101, no dia 22 de abril de 1973”.

Assim tem início um interessantíssimo artigo de Antônio J. Azevedo, publicado em *O Jornal de Nanuque*, de 9-4-74.

Pormenorizando o acontecimento, informa o articulista que os dois velhos amigos se abraçaram efusivamente e entretiveram animada palestra, que se prolongou por cerca de 30 minutos, rememorando alegres episódios do passado, daqueles saudosos tempos em que trabalhavam juntos.

Estava presente o Prefeito de Nanuque, Sr. Geraldo da Conceição Romano, que conversava, à parte, numa roda de amigos. O Dr. Claudionor aguardava oportunidade de apresentá-lo ao compadre, mas este, alegando a necessidade de encontrar-se com “uns amigos”, apressou suas despedidas e ausentou-se do local.

O funcionário fazendário percebeu um certo ar de tristeza nas feições de Raimundo, que insistia em dirigir os olhos para o chão, como que procurando evitar ser encarado pelos circunstantes.

Quatro meses depois, encontrando-se em Salvador, o Dr. Claudionor resolveu fazer uma visita ao velho amigo, porém, ao chegar à casa onde ele morava, foi surpreendido com a notícia de que Raimundo Leal era falecido, há quase um ano. A viúva, ao ter conhecimento do encontro em Porto Seguro, não pôde dominar a emoção e chorou copiosamente.

Adianta Antônio J. Azevedo que o Dr. Claudionor Ribeiro Moura é católico, homem sistemático, culto, conceituado e muito equilibrado.

— Cumpre notar — observa — que o Prefeito Geraldo Romano viu o homem que, em verdade, era um espírito materializado, sem que ambos o soubessem, e teve ocasião de perguntar ao seu companheiro quem era a pessoa com quem falava.

Fatos dessa natureza são deveras sensacionais. Contudo, acreditamos que ocorrem menos esporadicamente do que se pensa. Há tantos “desconhecidos” que, às vezes, cruzam o nosso caminho e depois desaparecem sem deixar rastro...

A dificuldade de reunir provas positivas de semelhante fenomenologia é que a torna praticamente ausente das programações de investigação psíquica.

De qualquer forma, os fatos repetem-se e por si mesmos se evidenciam, para desassossego dos céticos de todos os feitios e de certos parapsicólogos embrulhões que vivem soltos por aí...

## O ESPIRITISMO NA BÍBLIA

Henri Stecki

### PRIMEIRA PARTE . Cap. 1 §15 (49)

#### Aparições - efeitos físicos

O Antigo Testamento apresenta aparições sob formas de anjos e outros: a cada página se encontra; nós apenas citaremos algumas, assim como os efeitos físicos destinados a tocar as imaginações.

“Apareceu-lhe o anjo do Senhor numa chama de fogo no meio de uma sarça, Moisés notou que a sarça ardia, mas não se consumia” (Êxodo, 3:2).

“Então o anjo de Deus, que ia à vanguarda das tropas de Israel, foi para a retaguarda. A coluna de nuvens que estava na frente postou-se atrás, colocando-se entre o acampamento dos egípcios e o de Israel. Para uns a nuvem era tenebrosa, para outros iluminava a noite, de modo que durante a noite inteira uns não podiam ver os outros”. (Êxodo, 14:19 e 20).

É preciso dar uma prova palpável da vigilância constante da Divina Providência para serem despertadas, nos homens duros e grosseiros, a confiança em Deus, a fé na sua presença e a esperança de seus benefícios.

“No terceiro dia pela manhã houve trovões e relâmpagos, nuvens carregadas cobrindo a montanha e um fortíssimo som de trombetas. No acampamento todo o povo se pôs a tremer. Todo o monte Sinai fumegava, pois o Senhor havia descido sobre ele em meio ao fogo. A fumaça subia como de uma fornalha e todo o mundo tremia violentamente. O som da trombeta ia aumentando cada vez mais, Moisés falava e o Senhor lhe respondia por uma voz” (Êxodo 19:16. 18 e 19).

Sabemos que Deus não se comunica diretamente com os homens. Era uma manifestação que fizeram os Espíritos elevados por ordem do Senhor. Precisava, no entanto, que o povo acreditasse que era Deus que havia descido em direção a eles e que a voz que se fazia entender era de Deus.

“No dia da inauguração da morada, a nuvem cobriu a morada, isto é, a tenda da aliança”. Permanecia sobre a morada desde a tarde até manhã seguinte sob a aparência de fogo (Números, 9:15).

“De dia, quando levantavam o acampamento. A nuvem do Senhor estava sobre eles” (Números, 10:34).

“Então o Senhor vos falou do meio do fogo. Ouvíeis o som das palavras, mas não víeis figura alguma. Era tão somente uma voz”! (Deuteronômio, 4:12).

Temos dito acima que era essa voz que era tida como a voz de Deus. Ele era de fato, pois os Espíritos que a faziam entender agiam segundo a vontade de Deus, eles eram seus instrumentos para fazer conhecer sua lei aos homens.

“Estando próximo de Jerico, Josué levantou os olhos e viu um homem parado à sua frente com a espada desembainhada na mão”. “Josué foi até ele e perguntou: És a nosso favor ou contra, ou a favor de nossos adversários?” Ele respondeu: Não! Sou o chefe do exército do Senhor e acabo de chegar. Então, Josué prostrou-se com o rosto por terra e o adorou. Depois lhe perguntou: O que diz o meu Senhor ao seu servo? (Josué, 5:13, 14).

“Enquanto seguiam pela estrada conversando, apareceu de repente um carro de fogo com cavalos também de fogo, se- parando-os um do outro, e Elias subiu para o céu no turbilhão” (2 Reis 2:11)

“Quando começaram a cantar e tocar os instrumentos, ouvia-se como que um único som, louvando e glorificando o Senhor. Quando soaram as trombetas, os címbalos e os instrumentos musicais e começaram a cantar em honra do Senhor:” Sim, ele é bom e terno ó seu amor”, nesse momento o templo se encheu com a nuvem de glória do Senhor. Os sacerdotes não puderam entrar no templo do Senhor, pois a glória do senhor o enchia. Quando viram o fogo descer e a glória do senhor sobre o templo, todos os filhos de Israel se ajoelharam com o rosto sobre a terra, sobre o pavimento, adoraram e louvaram o Senhor: “Sim, ele é bom e eterno é o seu amor” (2 Crônicas, 5:13 e 7:2 e 3).

“E Deus me enviou também para curar a ti e a Sara, tua nora. Eu sou Rafael, um dos sete anjos que permanecem diante da glória do Senhor e tem acesso à sua presença”. Vós me víeis comer embora eu nada comesse. Era só a aparência o que víeis (Tobias, 12: 14, 15 e 19).

Aparição tangível chamada “agênere” em Espiritismo. A *Revue Spirite* cita alguns fenômenos deste gênero que são produzidos em nossos dias.<sup>1</sup>

1 - Exemplos de aparição vaporosas ou tangíveis e de agêneres são relatados na *Revue Spirite* : janeiro 1858, outubro 1858, janeiro 1859, agosto 1859, novembro 1859, abril 1860, maio 1860, julho 1861, abril 1866, dezembro 1866. O lavrador Thomas Martin e Louis XVIII, texto completo. Exemplos de aparições de pessoas vivas: *Revue Spirite* em dezembro 1858, fevereiro 1859, agosto 1859 e novembro 1860.

Este anjo da Bíblia acompanhou os filhos de Tobias em uma viagem, e somente no retorno ele revelou sua natureza extraterrestre.

“Pois os sonhos perturbadores os tinham esclarecido sobre fato, a fim de que não morressem sem saber por que tanto sofriam” (Sabedoria, 18:19).

“Mesmo depois de morto profetizou e anunciou ao rei seu fim próximo. Do seio da terra elevou a voz profeticamente para apagar a impiedade de seu povo” (Eclesiástico, 46:20).

“Eu olhei e vi uma mão estendida para mim e nela um livro enrolado” (Ezequiel, 2:9).

Os capítulos do livro do profeta Ezequiel estão repletos de visões de toda espécie.

“A mão do Senhor estava sobre mim, e o senhor me levou em espírito para fora e me deixou no meio de uma planície repleta de ossos. Fez-me circular no meio dos ossos em todas as direções. Vi que havia muitíssimos ossos sobre a planície e estavam bem ressequidos. Ele me perguntou: “filho de homem, poderão estes ossos reviver?” E eu respondi: Senhor Deus, tu o sabes! E ele me disse: profetiza sobre esses ossos e dize-lhes: Osso ressequido, ouviu a palavra do Senhor! Assim diz o Senhor Deus e esses ossos: Vou

infundir-vos, eu mesmo, um espírito para que revivais. Eu vos darei nervos, farei crescer carne e estenderei por cima a pele. Porei em vós um espírito para que revivais. Então sabereis que sou o Senhor. Profetizei conforme me fora ordenado. Enquanto eu profetizava, ouviu-me primeiro um rumor, e logo um estrondo, quando os ossos se aproximaram uns dos outros. Eu olhei e vi nervos e carne crescendo sobre eles e, por cima, a pele que se estendia. Mas faltava-lhes o sopro da vida. Ele me disse: “Profetiza para o, profetiza, filho de homem! Dirás ao espírito: Assim diz o Senhor DEUS: vem, ó espírito, dos quatro ventos, soprar sobre esses mortos para que eles possam reviver. Profetizei conforme me fora ordenado, e o espírito entrou neles. Eles reviveram e se pôs de pé qual imenso exército” (Ezequiel, 27:1 a 10).

E preciso observar que era uma visão e não uma realidade. Ela era, entretanto, muito significativa, como se verá mais tarde.

“De repente apareceram os dedos da mão humana que iam escrevendo diante do candelabro, na parede do palácio, pintada de cal. Quando o rei viu a palma da mão que escrevia” (Daniel 5:5).

“Mas o Espírito de Deus todo poderoso se manifestou então por sinais sensíveis, de maneira que todos aqueles que tinham ousado obedecer a Heliodoro, ficaram prostrados pela virtude divina e foram tocados pelo temor e prostração” (2 Macabeus; 3:24).

Em nossos dias, efeitos físicos desse gênero costumam acontecer: somente nos compreendemos graças ao Espiritismo, que não é Deus quem os produz e que eles não são malefícios do demônio. Nessas circunstâncias dadas pelos Espíritos, estes não transportam móveis, objetos de toda espécie? Não dão eles golpes, sopros e não se agitam sobre nós sem que os vejamos?

Os ignorantes atribuem essa espécie de fato ao diabo. Nesse caso do livro dos Macabeus, o tesouro do Templo tinha sido salvo da pilhagem e acredita-se que Deus havia produzido as manifestações.

As manifestações físicas e as aparições que se encontram no Novo Testamento são muito comuns para serem reproduzidas aqui.

Citaremos somente uma, aquela que descende do Santo- Espírito sobre os apóstolos, forma-se língua de fogo. Sabe-se que os espíritos podem tomar a forma que eles querem para se tornarem visíveis aos homens.

“De repente veio do céu um ruído, como de um vento impetuoso, que encheu toda a casa em que estavam sentados. Viram aparecer, então, uma espécie de línguas de fogo, que se repartiram e foram pousar sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (Atos, 2:2 a 4).

Essa manifestação era necessária para dar aos apóstolos uma prova palpável do que eles tinham recebido e, por isso, fortificar sua fé e sua coragem, para a missão que eles iam cumprir.

## A GÊNESE

Allan Kardec

### Introdução §8

Generalidade e concordância no ensino, tal é a característica essencial da Doutrina, a

própria condição de sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle e da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma Doutrina, mas como uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

## Cap. 1 – Caráter da Revelação Espírita

13. Por sua natureza, a revelação espírita possui um duplo caráter: ela participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira porque seu aparecimento foi providencial, e não o resultado da iniciativa e do desígnio premeditado do homem, porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensinamento dado pelos Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens sobre as coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, hoje que se acham amadurecidos para compreendê-las. Participa da segunda, porque tal ensinamento não constitui privilégio de nenhum indivíduo, mas é proporcionado a todo mundo pela mesma forma: pelo fato de que tanto aqueles que o transmitem como os que o recebem não são seres passivos, dispensados do trabalho de observação e pesquisa; por não terem renunciado ao seu próprio julgamento e livre-arbítrio; e porque o exame não lhes é interdito, mas ao contrário recomendado. Enfim, a doutrina não foi ditada completa nem imposta à crença cega, sendo ela deduzida do trabalho do homem e da observação dos fatos que os Espíritos lhes põem sob os olhos pelas instruções que a ele dão, instruções estas que o homem estuda, compara e das quais tira ele mesmo as suas conclusões e aplicações. Em síntese, o que caracteriza a revelação espírita é que sua origem é divina, que a iniciativa pertence aos Espíritos e que a sua elaboração é o resultado do trabalho do homem.

50. A terceira revelação — vinda em uma época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode se conformar com um papel passivo, em que o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa — tinha que ser ao mesmo tempo o resultado de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e da livre verificação. Os espíritos só ensinam exatamente o que é preciso para ajudar a compreender a verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter o todo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Eles lhe dão o princípio e os materiais, para que tire proveito deles e os ponha em ação.

51. Sendo os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos níveis de instrução, é evidente que as observações não poderiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar delas, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, em resumo, a conclusão que deveria determinar as ideias, teria de sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito a um círculo restrito, vendo, frequentemente, apenas uma espécie particular de fatos, algumas vezes aparentemente contraditórios, tendo ligação geralmente com uma mesma categoria de espíritos, e, além do mais, embaraçado pelas influências locais e partidarismos, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, impossibilitado de combinar as observações isoladas em um princípio comum. Cada um apreciando os fatos

sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos espíritos que se manifestam, logo surgiriam tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, e nenhum poderia ser considerado completo, por falta de elementos de comparação e avaliação. Em uma palavra, cada um se teria imobilizado na sua revelação parcial, acreditando deter toda a verdade, por não saber que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Por outro lado, deve-se observar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de uma forma completa. Ele atinge um número tão grande de observações, de assuntos tão diversos, que exigem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que foi impossível reunir em um mesmo ponto todas as condições necessárias. A necessidade de o ensino ser coletivo e não individual, levou os espíritos a dividirem o trabalho, disseminando os temas de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é dividida entre diversos operários. Assim, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda hoje, uma vez que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra, nos demais, o complemento do que ele obtém, e foi do conjunto, da coordenação de todos os ensinamentos parciais que a Doutrina Espírita se constituiu. Era, pois, necessário agrupar os fatos isolados para ver sua correlação, reunir os diversos documentos e as instruções dadas pelos espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-las, analisá-las e estudar-lhes as analogias e as diferenças. Como as comunicações eram dadas por espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso avaliar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e as isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos espíritos; as utopias, das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e pela lógica sã; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos espíritos, mesmo os de baixa categoria, para o conhecimento da situação do mundo invisível, e disso formar um todo homogêneo. Em uma palavra, era preciso um centro de elaboração, isento de qualquer ideia preconcebida, de qualquer sectarismo, resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, ainda que contrária às suas opiniões pessoais. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e sem premeditação.

53. Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas indo das extremidades para o centro, e as outras retornando do centro para a periferia. Foi assim que a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde se originou; e que os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, em razão do seu isolamento diante do ascendente da opinião da maioria, na qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de ideias se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam, de um extremo a outro do mundo. Os espíritas sentiram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não se viram mais isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os unia à grande família. Os fenômenos dos quais eram testemunhas não mais lhes pareceram estranhos, anormais ou contraditórios quando puderam associá-los às leis gerais de harmonia, abranger de um só golpe de vista todo o plano, e ver, em todo esse conjunto, um objetivo grandioso e humanitário.